



**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Wallacy da Silva Pereira

**REPORTAGENS SOBRE A FORTE CHUVA DE FEVEREIRO DE 1996 NA FAVELA
DO RIO DAS PEDRAS: UMA ANÁLISE SOBRE AS PUBLICAÇÕES DO JORNAL O
GLOBO**

**Rio de Janeiro
2025**

Wallacy da Silva Pereira

**REPORTAGENS SOBRE A FORTE CHUVA DE FEVEREIRO DE 1996 NA FAVELA
DO RIO DAS PEDRAS: UMA ANÁLISE SOBRE AS PUBLICAÇÕES DO JORNAL O
GLOBO**

Trabalho de conclusão de curso em formato de artigo apresentado ao curso de licenciatura em Geografia do Colégio Pedro II, como requisito parcial para graduar-se em licenciatura em Geografia

Orientador: Rafael Luiz Leite Lessa Chaves

Rio de Janeiro
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada por Suria Braga Alves (CRB7 nº6490),
bibliotecária do Colégio Pedro II, Campus Realengo II.

P436r

Pereira, Wallacy da Silva

Reportagens sobre a forte chuva de fevereiro de 1996 na favela do Rio das Pedras: uma análise sobre as publicações do jornal O Globo. / Wallacy da Silva Pereira – Rio de Janeiro: [s.n.], 2025.
25 p.

Orientador: Prof. Rafael Luiz Leite Lessa Chaves.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Colégio Pedro II,
Curso de Licenciatura em Geografia.

1. Segregação socioespacial. 2. Vulnerabilidade socioambiental. 3. Enchentes – aspectos sociais. 4. Mídias - jornal. 5. Jornal O Globo – Rio de Janeiro. I. Chaves, Rafael Luiz Leite Lessa (Orientador). II. Colégio Pedro. III Licenciatura em Geografia. IV. Título

CDD 363.3493

Wallacy da Silva Pereira

Trabalho de conclusão de curso em formato de artigo apresentado ao curso de licenciatura em geografia do Colégio Pedro II, como requisito parcial para graduar-se em licenciatura em Geografia

Orientador: Rafael Luiz Leite Lessa Chaves

Aprovado em: __/__/____

Banca Examinadora:

Professor Dr. Rafael Luiz Leite Lessa Chaves

Professor Dr. Eduardo de Oliveira Rodrigues

Professora M.a. Taiany Braga Marfetan

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Wilma e Cleyton, por me darem todo o suporte para a realização dos meus sonhos. Às minhas avós, Elma e Cida, por estarem comigo durante minha trajetória. À tia Lane, in memoriam, por ter estado tão presente durante o meu crescimento. Uma menção aos meus irmãos, primos e amigos que amo.

Agradeço aos profissionais de educação que me auxiliaram em minha caminhada. Um agradecimento especial para a Escola Municipalizada Onze de Junho, ao Colégio Estadual Visconde de Itaboraí e ao Pré-Vestibular Social da Fundação CECIERJ que me ensinaram a sonhar.

Ao Alessandro Soledade, do Ministério Público, por todos os afetos, conselhos, cafés e redações corrigidas. Aos meus amigos de vida, Giovana Pinheiro e Gabriel Bousquet. À Yasmin Faleiro, amiga que esteve comigo durante a graduação e que foi responsável por deixar meus dias mais leves. Aos meus colegas de trabalho da Irium Educação, do Colégio Intellectus, da Escola Parque e da Fundação CECIERJ, meu eterno agradecimento pelas trocas diárias.

Aos profissionais do Colégio Pedro II, minha gratidão. Todos tiveram um papel importantíssimo durante a minha formação. Debates, trabalhos de campo e confraternizações, vou levar um pouquinho de todo mundo durante minhas práticas.

À Amanda Cavaliere, minha primeira orientadora e amiga, quem me apresentou ao mundo acadêmico. Sou extremamente grato pelas nossas trocas. À Taiany Marfetan, minha segunda orientadora, serei sempre grato por nossas reuniões de projeto, onde muito pude aprender; obrigado por acreditar em mim. Aos coordenadores de curso, Tiago Galinari e Marcus Vinícius. Ao Rafael Chaves, meu orientador.

Uma menção muito especial para Ana Cleia Vieira, Aline Leite e Tatiana Lemos. Serei eternamente grato pelos abraços, revisões e conversas em um momento tão delicado para mim. Sou tão grato ao universo por ter me permitido esse encontro com vocês.

Aos meus alunos, obrigado por me motivarem tanto. Vocês são a certeza de que fiz a escolha certa.

Por fim, agradeço a mim mesmo. Pessoa que teve resiliência durante os anos de graduação. Deu tudo certo, Wallacy de 2021. Concluimos esse ciclo.

REPORTAGENS SOBRE A FORTE CHUVA DE FEVEREIRO DE 1996 NA FAVELA DO RIO DAS PEDRAS: UMA ANÁLISE SOBRE AS PUBLICAÇÕES DO JORNAL O GLOBO

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as representações dos desastres ambientais na favela do Rio das Pedras, na cidade do Rio de Janeiro, a partir do acervo do *Jornal O Globo*. Os eventos climáticos extremos tendem a afetar de maneira intensa e recorrente populações em situação de vulnerabilidade socioeconômica. A mídia, por sua vez, ao comunicar os eventos reproduz uma cobertura assimétrica em comparação com áreas mais privilegiadas da cidade e, com isso, contribuindo para o silenciamento dessas populações. A partir da análise construída com base em conceitos de Souza (2013, 2019), Corrêa (1989) e Fairclough (2001), foi identificado que o veículo de mídia reproduz a desigualdade socioespacial historicamente produzida no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: mídia; jornalismo; segregação socioespacial; chuvas; vulnerabilidade socioambiental.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar las representaciones de los desastres ambientales en la favela de Rio das Pedras, en la ciudad de Río de Janeiro, a partir del archivo del periódico O Globo. Los eventos climáticos extremos tienden a afectar de manera intensa y recurrente a las poblaciones en situación de vulnerabilidad socioeconómica. Los medios de comunicación, al informar sobre estos eventos, reproducen una cobertura asimétrica en comparación con las zonas más privilegiadas de la ciudad, contribuyendo así al silenciamiento de estas poblaciones. A partir del análisis construido con base en los conceptos de Souza (2013, 2019), Corrêa (1989) y

Fairclough (2001), se identificó que el medio de comunicación reproduce la desigualdad socioespacial históricamente producida en el espacio urbano de la ciudad de Río de Janeiro.

Palabras clave: medios de comunicación; periodismo; segregación socioespacial; lluvias; vulnerabilidad socioambiental.

Lista de Imagens

- I. Imagem I - rio das Pedras (curso hídrico) e o maciço da Tijuca ao fundo..... 12
- II. Imagem II - Edição especial do *Jornal O Globo* - 15/02/1996.....14
- III. Imagem III - Matéria publicada em 14/02/1996.....16
- IV. Imagem IV - Manchete publicada em 24 de fevereiro de 1996.....17

REPORTAGENS SOBRE A FORTE CHUVA DE FEVEREIRO DE 1996 NA FAVELA DO RIO DAS PEDRAS: UMA ANÁLISE SOBRE AS PUBLICAÇÕES DO JORNAL O GLOBO

Introdução

A ocorrência de desastres ambientais em uma cidade como o Rio de Janeiro é recorrente, sobretudo em regiões onde concentram populações em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Moradores de áreas suscetíveis à ocorrência desses desastres precisam lidar com a perda de bens materiais e de capital humano. Historicamente, essas populações vivem em regiões subalternizadas pelo poder público e, por conta disso, não são assistidas corretamente após os eventos extremos.

Conforme é identificado na favela do Rio das Pedras, diversos eventos climáticos afetam a população local e causam recorrentes prejuízos. Os veículos de mídia, por sua vez, exercem um papel essencial tanto na divulgação desses acontecimentos quanto na informação da sociedade sobre o cotidiano, como destacam Maximiliano e Siqueira (2014). Afinal, por meio de representações, comunicam os acontecimentos e, também, deveriam contribuir para dar voz a essa população historicamente subalternizada.

Contudo, é identificado que os jornais reproduzem um tratamento assimétrico ao comunicar desastres ambientais. Foi identificado que regiões que concentram uma população com menor faixa de renda não foram representadas com a mesma relevância que áreas onde o solo urbano é mais valorizado, como, por exemplo, a Barra da Tijuca.

O presente artigo tem como objetivo analisar a representação de um desastre ambiental pelo *Jornal O Globo* ocorrido na favela do Rio das Pedras, na cidade do Rio de Janeiro. Para isso, teremos como base teórica os estudos de Marcelo Lopes de Souza (2013 e 2019) e Roberto Lobato Corrêa (1989). Além destes, iremos dialogar

com a contribuição de Norman Fairclough (2001) em sua obra *Discurso e Mudança Social*.

O interesse pela temática surgiu após a leitura das notícias referentes ao local mencionado. Contudo, foi observado que houve uma escassez de reportagens sobre eventos climáticos, o que difere diretamente das minhas vivências enquanto morador da localidade, que sofre de maneira recorrente com as consequências das chuvas, dessa forma, pareceu exposto que o veículo de comunicação promove um silenciamento da população do Rio das Pedras.

Organizamos este trabalho da seguinte forma: apresentaremos o referencial teórico e os principais conceitos utilizados, bem como as ferramentas utilizadas para análise das notícias e, por fim, os resultados obtidos.

Referencial teórico-metodológico

Antes de iniciarmos a análise das representações, precisamos definir o que chamamos de representação. Segundo Makowiecky (2003, p. 4), o conceito pode ser caracterizado como um processo pelo qual se institui um representante que, em determinado contexto socioespacial, tomará o lugar de quem representa. Por exemplo, ao realizarmos um registro fotográfico de uma paisagem, essa foto passa a ser uma representante dessa paisagem.

O geógrafo Marcelo Lopes de Souza (2013) chama a atenção para o fato de que a construção de uma paisagem envolve a reprodução de determinadas formas espaciais em um recorte temporal e geográfico específico. Segundo o autor, essa representação carrega um conteúdo simbólico que pode estar em consonância ou em contradição com a realidade que a paisagem de fato expressa.

A partir da leitura de Corrêa (1989), é possível identificar que determinadas paisagens no espaço urbano são socialmente menos valorizadas em comparação a

outras. Segundo o autor, esse processo decorre de uma competição impessoal, característica das dinâmicas urbanas, que resulta na apropriação diferenciada do espaço por distintos grupos sociais. Como afirma Corrêa: “a competição impessoal que geraria espaços de dominação de diferentes grupos sociais” (Corrêa, 1989, p. 59).

Para a análise das representações veiculadas pelo *jornal O Globo*, foi necessário examinar os discursos presentes nas publicações. Nesse sentido, recorreu-se à obra de Fairclough (2001), na qual o autor discute o uso de determinadas estratégias comunicacionais que podem sustentar um ponto de vista específico, ainda que de maneira indireta, sobretudo por meio da mídia.

Além disso, Souza (2019) chama atenção para o papel da mídia como reprodutora ideológica do aparato estatal, frequentemente de forma velada. Como aponta a autor, “a mídia tem desempenhado um papel decisivo no tocante à promoção tácita de um tratamento assimétrico das classes sociais por parte do aparelho de Estado no Rio de Janeiro” (Souza, 2019, p. 156), ou seja, expressando como o discurso dos veículos de comunicação podem estar ideologicamente associados aos agentes governamentais.

A partir desse referencial teórico, iremos analisar o *Acervo do Jornal O Globo* disponível online. As razões para a escolha do *Jornal O Globo* se deram, inicialmente, pelo acesso ao acervo online de edições publicadas anteriormente e, mais ainda, por se tratar de um veículo de mídia carioca, referenciando, assim, com maior destaque, os eventos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro.

Para a elaboração da metodologia deste trabalho, foi realizada uma pesquisa documental no acervo digital do *Jornal O Globo*, com foco em publicações sobre a ocorrência de chuvas, desabamentos e deslizamentos de terra na região do Rio das Pedras. Os dados coletados foram examinados por meio da comparação entre as representações midiáticas da favela do Rio das Pedras e de um bairro com Índice de

Desenvolvimento Humano (IDH) mais elevado, como a Barra da Tijuca, tendo como orientação o nosso referencial teórico já exposto.

Discussão e análise dos dados

Para iniciar a discussão deste trabalho, iremos analisar o recorte espacial analisado a partir do acervo do Jornal O Globo. A favela do Rio das Pedras localiza-se na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, caracterizada como a quinta maior favela do Brasil e a segunda maior do Rio de Janeiro (precedida pela Rocinha), segundo dados do Censo de 2022 (Agência IBGE, 2022).

A favela é afetada de forma recorrente com os efeitos negativos ocasionados por fatores físicos. Afinal, o assentamento dessa população ocorreu em um espaço com potenciais riscos para inundações, por exemplo, conforme descreve Alkmin, em um encontro realizado entre professores e estudantes da PUC-Rio na favela do Rio das Pedras no ano de 2000:

A entrevista foi realizada em um espaço aberto, em cima da demolição de um barraco onde o piso era de barro pisado e cimento. Ao lado, a água minava lentamente por influência da maré que ainda estava alta. Pelo relato dos moradores a enchente que ocorreu lá foi de repente, sem chuva, quando eles acordaram estavam com os barracos tomados pela água e lixo. Alguns moradores perderam todos os seus pertences. (Alkmin, *apud* Burgos, 2002, p. 106)

A formação socioespacial do Rio das Pedras ocorreu por conta da expansão imobiliária da Barra da Tijuca, uma parcela dos trabalhadores passaram a se assentar na região onde hoje localiza-se a favela (Silva, 2006). O crescimento da favela se deu por meio de autoconstruções e com uma assistência deficitária por parte do poder público. Um fator que explica o crescimento populacional pode ser explicado por conta do valor de uso do solo, conforme descreve Corrêa (1989).

Na Imagem I, é possível visualizar o padrão de construção da favela do Rio das Pedras. No centro da imagem, encontra-se o Rio das Pedras, entre as regiões Areal I e Areinha. O curso hídrico é importante para o escoamento das águas superficiais. Porém, em momentos de maré cheia, transborda e inunda as habitações próximas à área de várzea.

Imagem I - rio das Pedras (curso hídrico) e o maciço da Tijuca ao fundo.



Foto autoral. Registro feito em 2024.

O solo instável, associado a recorrentes processos de inundação, potencializa a possibilidade de desabamentos, haja vista que as edificações erguidas ao longo das décadas, de maneira geral, não apresentam estrutura adequada para resistir ao fenômeno da subsidência, conforme descrevem Castro e Nascimento (2022, p. 6).

Nas favelas estas ações geraram uma nova topografia sem qualquer tipo de planejamento e acompanhamento técnico, potencializando problemas estruturais em diversas residências, como subsidência e desnivelamento da construção. Esta condição do solo também compromete as redes de abastecimento de água, além dos dutos de esgotamento sanitário e drenagem urbana. (Castro; Nascimento, 2022, p.6).

Neste sentido, é possível afirmar que a favela do Rio das Pedras estaria vulnerável a eventos climáticos naturais uma vez que seus efeitos poderiam ser potencializados pela produção social do espaço. Ou seja, a população da região estaria vulnerável a desastres ambientais.

De acordo com Tavares e Siqueira (2023, p. 4), um desastre não ocorre apenas por questões meramente físicas e naturais, mas também pelo modo como esses aspectos estão organizados pela formação espacial da região e como os eventos atingem a população. Para complementar, Castro (1998) descreve que a ocorrência de um desastre depende diretamente da magnitude do evento e do grau de vulnerabilidade do sistema receptor. Os desastres seriam, desse modo, classificados a partir da intensidade, evolução e origem.

Por se tratar de uma região tão suscetível a desastres ambientais, esperávamos que houvesse mais notícias sobre a ocorrência de eventos extremos na favela, porém, ao realizarmos um amplo levantamento nas publicações entre os anos de 1996 e 2014, o *Jornal O Globo*, que extrapola o objeto desse artigo, nos chamou atenção pela ausência desses relatos. Inicialmente, foi considerada a possibilidade da região não ter sido afetada por nenhum desastre, o que não seria coerente a partir das características físicas da favela e da minha experiência enquanto morador.

Houve, porém, um evento de precipitação extrema na cidade do Rio de Janeiro ocorrido em fevereiro entre os dias 12 e 13 do ano de 1996. O bairro de Jacarepaguá foi a região mais atingida, conforme é descrito na imagem II. O desastre ambiental teve como consequência a perda de capital humano e material e isso é expressado na manchete da publicação.

O GLOBO

ESPECIAL

QUINTA-FEIRA, 15 DE FEVEREIRO DE 1996 - 35.ª edição

PERIGO: Infiltrado
mostra as áreas de
risco do Rio de
Janeiro. • 11

**LUGRO: Donos de
helicópteros
faturam alto na
Barra. • 6**

A estatística da dor: 53 mortos no Rio

Duas mil pessoas já estão desabrigadas e Jacarepaguá é o bairro mais afetado



Foto: A. MONTENEGRO/Agência de Imprensa e Comunicação do Estado do Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1996. O Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1996. O Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1996.

O temporal que desabou ontem sobre o Rio teve duas vítimas fatais: Maria da Vitória Aguiar e Ilho Lucas, de 11 meses, que ela viu ser atropelado por 250 toneladas de terra no bairrinho. Maria só teve tempo de salvar o outro filho, Geovani, de 2 anos, que estava mais perto. Uma tragédia que o temporal espalhou pela cidade: em quatro horas de chuva, 51 pessoas morreram, afogadas ou soterradas; 26 estão desaparecidas e mais de duas mil desabrigadas.

Pelo segundo dia consecutivo, o Rio amanheceu com as casas de parentes chorando seus mortos — pelo menos 53 pessoas desde o temporal da segunda-feira de terça-feira. Jacarepaguá — que sofreu com a maior chuva já registrada em qualquer bairro da cidade — foi a área mais afetada, com um total de 16 mortos nunca visto na história do Rio: 304 mil metros (contra 234 milímetros em São Paulo em 1973). Na Cidade de Deus, uma área de 91 mil metros quadrados foi inundada pelo Rio Grande, que transbordou, destruiu com barcos, seis pessoas morreram e 30 estão desaparecidas. Desesperados com a demora da Defesa Civil, os moradores procuraram seus mortos.

—Num segundo, vi meu neto de 3 meses no colo da mãe, que tentava se segurar em alguma coisa. Cinqüenta segundos depois ele não estava mais — contou Maria, mãe de Ilho Lucas.

O rastro de destruição alcançou o município de Itaboraí, na Região Metropolitana, onde oito barcos ficaram submersos e duas mil casas foram atingidas. O Rio da Guarda transbordou e cobriu a RJ-099 (antiga Rio-Santos), tombando um caminhão. A estação do Guaratá foi inundada, repletíssima em 20% o abastecimento de água. As áreas mais afetadas: Barra da Zona Oeste, 12 bairros da Zona Norte e quatro da Leopoldina.

Inundada pelo temporal de ontem, a Barra da Tijuca parou boa parte do dia sem ônibus e sem telefones. O BoreShopping se transformou num imenso abrigo para cerca de mil funcionários que, sem ter como voltar para casa, passaram a noite nos computadores. O Tívoli Dôis Irmãos foi liberado ao trânsito, mas a Avenida Niemeyer só deve ser reaberta hoje. Em outro local, o secretário municipal de Itaboraí, Luis Paulo Costa, acusou dois culpados pelo desmoronamento do Világio, dois oito moradores: a natureza e os trabalhadores que hipotecaram o reformamento. A Meteorologia prevê mais chuvas hoje. ■

Apesar da região de Jacarepaguá ter sido a mais afetada, não houve citações acerca da favela do Rio das Pedras na publicação. Porém, ao analisarmos atentamente o título da manchete na imagem II, identificamos uma chamada para uma notícia no verso da folha que, cujo título é "Donos de Helicóptero Faturam Alto na Barra". O conteúdo da notícia aponta que isso se dá por conta das consequências do desastre ambiental. Ou seja, há uma preocupação por parte do veículo de comunicação que há uma parcela da população lucrando em meio ao desastre.

Segundo a representação do próprio jornal, compreendemos que, diferente de Jacarepaguá, o bairro da Barra da Tijuca não teve o mesmo impacto verificado em relação às chuvas. Mais ainda, a partir do que foi descrito, nota-se uma mudança do contexto socioeconômico dos dois bairros, afinal, enquanto uma população é atingida pelos impactos de um evento, a outra ou não é afetada na mesma intensidade ou lucra com as consequências do evento.

No que se refere ao Rio das Pedras, a região não é mencionada nas publicações referentes às consequências ocasionadas pela chuva. Dessa forma, deixando de indicar que a região não foi acometida, ao menos de maneira intensa, pela chuva. Norman Fairclough, autor do livro *Discurso e Mudança Social*, publicado em 2002, ao descrever o controle interacional de um discurso, descreve:

O controle interacional é exercido, até certo ponto, de maneira colaborativa pelos participantes, mas pode haver assimetria entre os participantes quanto ao grau de controle. As convenções de controle interacional de um gênero corporificam exigências específicas sobre as relações sociais e de poder entre os participantes. (Fairclough, 2001, p. 193)

Por mais que o autor, durante a citação, não faça referência aos veículos de comunicação, o mesmo chama a atenção para o controle assimétrico que um discurso pode ter. Identificamos que o jornal expressa preocupação ao informar acerca dos ganhos financeiros de um determinado grupo social.

É importante destacar que não se configura como um problema o fato de veículos de comunicação abordarem grupos sociais de maior poder aquisitivo. No entanto, faz-se necessário atentar para a maneira como esses discursos são construídos e veiculados.

Barra da Tijuca vive seu dia de total isolamento

Deslizamento de terra na entrada do Túnel Dois Irmãos e forte chuva dão idéia de como seria se o bairro tivesse portões

Gustavo Poll

• Um dia, não muito tempo atrás, houve um projeto para instalar portões na Barra da Tijuca. Um projeto para isolar o bairro e controlar a entrada de possíveis marginais. Não era difícil. Bastava fechar umas poucas saídas e pronto, Barra isolada. Foi isso o que um deslizamento de terra na entrada do Túnel Dois Irmãos e a chuva fizeram ontem: fecharam algumas saídas. Foi um dia de luta para um bairro cercado de moda por todos os lados.

Ninguém saiu. Ninguém entrou. Todas as vias de acesso estavam praticamente submersas. Por São Conrado e pelo Alto da Boa Vista, era inviável sair. O Túnel Dois Irmãos foi interditado. A Avenida Niemeyer fechada. Chegar à Grajaú-Jacarepaguá, quase impossível. A Estrada das Canoas

soava ameaçadora, diante das barreiras que cabam.

— Calaram seis barreiras no Alto da Boa Vista — dizia um.

— Morreram seis na Niemeyer — comentava outro.

No desespero, restavam as distantes opções de Santa Cruz e Madureira (Via Jacarepaguá). Ficar em casa parecia, é claro, a melhor opção. E talvez seja a melhor hoje também, porque somente será possível sair da Barra pela Estrada das Canoas ou pela Grajaú-Jacarepaguá.

Houve até gente que pôs a gravação, o ponto, ligou o ar-condicionado do carro e quis enfrentar a água. O estudante Vicente Canedo, de 21 anos, que estagia numa empresa de informática, foi um deles. Encontrou uma imensa lagoa em São Conrado e, mesmo com sua caminhonete Mitsubishi, teve de desistir:

— Estava impossível passar.

Mas para chegar em casa Vicente teve de enfrentar o desafio aquático da Estrada Velha de Jacarepaguá. Em frente ao Hanhanggi Golf Club, o Rio Hanhanggi quase superou a Mitsubishi. Mas ele venceu a correnteza e para entrar em casa foi carregado nos ombros pelo pai. Outros tentaram a Estrada do Alto da Boa Vista. Mas o engarrafamento e a queda de barreiras inviabilizaram a opção. Em São Conrado, uma queda de barreira destruiu a casa do empresário Milton Tessierelli.

— Sai de casa com meu filho e, na volta, a avalanche tinha levado minha casa — disse Milton.

No Hanhanggi, rio invade casas e quase provoca tragédia

Para quem tentava chegar ao Alto da Boa Vista, a primeira surpresa ruim vinha entre as ruas Itália

Fausta e Engenheiro Neves da Rocha, onde o Rio Cachoeirinha encheu, destruiu um dique e fez metade de uma pequena ponte sobre a Estrada Velha de Jacarepaguá ceder. O tráfego ficou só para a outra metade. É, obviamente, engarrafado. Na Rua Itália Fausta a enchente esteve perto de provocar uma tragédia.

O ônibus do Colégio Santa Marcelina, com 20 crianças entre 5 e 14 anos, engulou na rua alagada. O motorista Márcio Dutra, de 40 anos, começou a ouvir gritos:

— Socorro, não quero morrer! Márcio quase entrou em pânico. Mergulhou na água na tentativa de alcançar o portão mais próximo para pedir socorro. En- controu a forte correnteza. Agarrou-se a uma árvore para não ser levado e voltou para o ônibus. A água já chegava aos bancos. Os moradores, porém, agiram rapi-

damente. Providenciaram um barco e conseguiram levar as crianças para uma casa próxima. Quando a PM chegou, o perigo já havia passado.

— Em 15 anos de trabalho, foi o maior desespero que passei — disse Márcio, aliviado.

O Rio Cachoeirinha já havia perdido o diminutivo. Com forças suas águas desciam pela encosta e alagavam diversas casas da Rua Engenheiro Neves da Rocha. Móveis foram retirados, portões acabaram no chão. Lá, como na Itália

Fausta, sobrou solidariedade dos moradores. As águas começaram a baixar às 11h. E emergiu o mutirão. Todos os que tiveram a casa invadida receberam ajuda dos outros vizinhos. Foram portões levantados, faxinas, sofás carregados... Quando a luz voltou, mal parecia que a rua se transformara em lagoa pouco antes.

Enquanto isso, no centro da isolada Barra, a chuva era apenas comentário. Quem quisesse enfrentar o asfalto molhado poderia, sem susto, ir ao BarraShopping. Quase ninguém foi. Nas ruas de terra do Jardim Oceânico, o caos era previsível.

Os telefones estavam absolutamente impraticáveis. Era quase impossível conseguir falar com os ramos 493, 385, 439 e 494. E mais difícil ainda era completar um telefonema a partir deles.

— Mal tiro o telefone do gancho e já ouço o sinal de ocupado — diz o engenheiro José Brandão, que mora no Condomínio Barrabêla.

Sem telefone e isolada, em boa parte dos casos sem luz, próxima da tragédia, ontem, e mais do que nunca, a Barra da Tijuca foi um bairro à parte. Hoje, quem sabe, talvez a Barra volte a ser Rio. ■

Ao continuar analisando o acervo do *Jornal O Globo* foi identificado uma outra publicação sobre a Barra da Tijuca. A manchete expressa que a mobilidade urbana foi prejudicada em decorrência dos impactos da chuva e, por consequência, uma parcela significativa dos trabalhadores não conseguiu se deslocar. É importante destacar que não há problema em o jornal publicar uma matéria sobre os potenciais impactos financeiros que uma chuva pode causar.

Identifica-se também que a representação feita no corpus da notícia pelo veículo de mídia expressa, mais uma vez, uma preocupação com a Barra da Tijuca, uma vez que expõe que o bairro ficou isolado devido às chuvas. Ao analisar a notícia, observou-se que há uma menção a um alagamento na Estrada Velha de Jacarepaguá, via que possui parte de sua extensão localizada no Rio das Pedras. No entanto, a localização exata do ponto de alagamento não é descrita. Podemos supor que a região afetada seja o Rio das Pedras, mas, sem uma descrição mais detalhada e a partir da publicação do *Jornal O Globo*, não é possível afirmar com certeza.

Além disso, identifica-se que a Estrada Velha de Jacarepaguá é mencionada apenas brevemente, pois a Barra da Tijuca recebe destaque na matéria. O discurso do jornal expressa que o alagamento gera, antes de tudo, prejuízos financeiros para a região. A matéria expressa que a Barra da Tijuca teve um dia isolado em decorrência

dos impactos ocasionados pelas chuvas na mobilidade urbana. Inclusive, chega a destacar no subtítulo que os acontecimentos “dão ideia de como seria se o bairro tivesse portões”.

Ao ler a edição publicada no dia 24 de fevereiro, descrita na imagem IV, é possível perceber como a região do Rio das Pedras foi afetada pelas chuvas ocorridas nos dias 12 e 13 do mesmo mês. A matéria expõe a atuação do Exército no controle de doenças como leptospirose e hepatite, que surgem em contextos de enchentes e falta de saneamento adequado. Segundo o Ministério da Saúde (2024), a leptospirose é causada pela exposição ao contato com a urina de roedores, sendo a contaminação favorecida quando há permanência prolongada em água contaminada. Isso indica que a população do Rio das Pedras, considerando a data da publicação e o que é descrito pelo Ministério, ficou exposta por vários dias, o que resultou em um número significativo de pessoas adoecidas.

Imagem IV - Manchete publicada em 24 de fevereiro de 1996

Exército ajuda na luta contra as doenças

Militares ensinam a desabrigados como evitar a leptospirose, a hepatite e a conjuntivite

Alba Valéria Mendonça

• O Exército entrou definitivamente no combate à leptospirose, à hepatite do tipo A e à conjuntivite em Jacarepaguá. Até depois de amanhã, no posto de saúde volante montado no Ciep Lindolpho Colôr, 15 soldados, dois sargentos enfermeiros e dois oficiais médicos estarão na linha de frente, na favela Rio das Pedras, juntamente com um médico do município e dez técnicos da Secretaria municipal de Saúde, orientando, prestando os primeiros atendimentos e fazendo uma triagem dos moradores. Divididos em duplas, os soldados do Exército passaram a manhã de ontem batendo de porta em

porta, conversando com moradores, colando cartazes e distribuindo cem mil folhetos que explicam como evitar as doenças. Ontem, pelo menos seis pessoas foram internadas no Hospital Lourenço Jorge, na Barra, com suspeita de leptospirose.

Ferver toda a água que vai ser consumida; adicionar cinco gotas de cloro (água sanitária) a cada litro de água e esperar meia hora antes de bebê-la; e evitar comer legumes e verduras crus foram os conselhos passados pelos soldados, inclusive para os 115 flagelados que estão abrigados no Ciep. Não existem vacinas para a leptospirose e a hepatite, doenças transmitidas por água contaminada.

Os moradores que apresentavam sintomas das

doenças, como febre, dores no corpo, tosse, sangramentos e urina escura eram encaminhados ao posto médico volante, assim como os que estavam com diarreia e conjuntivite. Segundo a coordenadora de saúde da Barra e Jacarepaguá, Márcia Mochel Dias, o posto volante foi montado para complementar o trabalho de assistência que está sendo prestado desde anteontem pelo centro médico da comunidade.

— Trouxemos 400 doses de vacina dupla (tétano e difteria), soro reidratante, antibióticos, anti-férmicos e material para fazer curativos. Soubemos que há grande número de pessoas com conjuntivite na comunidade e muitas crianças estão com diarreia. Sem falar dos casos de sarna e piolho — disse a médica.

Voluntários, como a moradora Francimar Ferreira, que desde a enchente presta assistência aos desabrigados, no Ciep, acrescentam que a situação é preocupante na região, onde as ruas continuam cheias de lama e há poças de água contaminada.

— Os médicos dizem que a conjuntivite nada tem a ver com a enchente, mas há um surto em Rio das Pedras. Das 116 pessoas que estão no Ciep, a maioria está com diarreia, que pode ser um sinal de leptospirose — calculou a voluntária.

Para o subprefeito da Barra e Jacarepaguá, Eduardo Paes, a campanha de esclarecimento da leptospirose veio em boa hora, já que eram evidentes os sinais de desinformação na comunidade, onde pessoas andavam descalças. Já em Itaguaí, soldados do Batalhão de Engenharia de Combate de Santa Cruz concluíram a montagem da ponte na Estrada Chaparrão, voltando a ligar o centro ao bairro de Chaparrão. Também construíram uma outra ponte no bairro de Mazombinha, que desde o temporal estava isolado do restante da cidade. ■

Dez mil alunos serão transferidos

Lama e desabrigados ocupam muitas escolas na Zona Oeste

• Dez dias depois a chuva continua afetando a vida dos moradores da Barra e de Jacarepaguá. Na próxima segunda-feira cerca de 10 mil estudantes de 15 escolas da rede pública municipal serão transferidos. Segundo a Secretaria municipal de Educação, seis dessas escolas foram praticamente destruídas pela chuva e as outras nove estão sendo ocupadas por desabrigados. Só na Escola Municipal Alphonus de Guimarães, em Jacarepaguá, há 753 pessoas. Parte desse grupo será removido para o Centro Social Urbano da Cidade de Deus. Dois prédios da Funda-

ção Leão XIII, em Bonsucesso e em Brás de Pina, também servirão como abrigo provisório.

Enquanto a remoção não vem, as escolas serão divididas com os estudantes. No Ciep João Batista dos Santos, em Jacarepaguá, os desabrigados serão concentrados no segundo andar para liberar as salas do térreo para os alunos. A Secretaria orienta os pais a procurarem a escola onde os filhos foram matriculados na própria segunda-feira, bem cedo. Lá eles ficarão sabendo o nome e o endereço da escola para onde foram transferidos.

A matéria também aponta que moradores ficaram desabrigados em decorrência das chuvas. No entanto, apesar de indicar alguns dos impactos vividos pela população

local, a publicação não aprofunda o grau desses efeitos, que passaram quase despercebidos no editorial do jornal. Isso evidencia como, mesmo diante de uma situação crítica, a forma como essas ocorrências são narradas pode minimizar a gravidade dos acontecimentos vivenciados em determinadas regiões da cidade.

Conclusão

Por fim, podemos verificar que as populações são impactadas a partir de dois efeitos, sendo o primeiro referente às perdas materiais e capital humano devido aos alagamentos, e o outro a invisibilização pelos meios de comunicação sendo por conta do discurso midiático. Foi exposto que as representações feitas pelo *Jornal O Globo* durante o período analisado reproduzem uma segregação socioespacial historicamente estruturada.

As mídias tradicionais desempenham um papel relevante na promoção de denúncias, ao conferir visibilidade a populações historicamente marginalizadas e ao noticiar eventos de interesse público. No entanto, é fundamental que esses veículos adotem uma postura crítica e responsável, de modo a evitar a reprodução de práticas de silenciamento. Foi o que constatamos na análise de dados a partir do modo impreciso com que, por vezes, as reportagens enunciam a localização espacial da favela Rio das Pedras. Tal imprecisão pode transmitir a ideia de que essas áreas não foram afetadas pelas chuvas, dificultando a identificação dos grupos sociais mais afetados e, conseqüentemente, contribuindo para a perpetuação da lógica segregatória de atuação do poder público em determinadas áreas da cidade.

Compreende-se que o trabalho não esgota o tema, porém espera-se que as discussões realizadas venham a potencializar a promoção de estudos acerca do objeto analisado e a realização de novas pesquisas. Almeja-se ampliar o debate realizado neste trabalho na pós-graduação.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Antonio Carlos. A morfologia sócio-espacial da favela do Rio das Pedras. In: BURGOS, M. (Org.). A utopia da Comunidade Rio das Pedras, uma favela carioca. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

CASTRO, A. L. C. Glossário de defesa civil: estudo de riscos e medicina de desastres. Brasília, MPO/ Departamento de Defesa Civil. 1998.

CASTRO, A. O. C.; NASCIMENTO, F. R. Urbanização e a problemática ambiental na Baixada de Jacarepaguá: estudo da Bacia hidrográfica do Rio das Pedras. XIV Encontro Nacional de Águas Urbanas e IV Simpósio de Revitalização de Rios Urbanos. Brasília, 2022. Disponível em: https://files.abrhidro.org.br/Eventos/Trabalhos/189/XIV-ENAU_IV-SRRU0058-1-20220719-122558.pdf Acesso em: 25/12/2024.

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

IBGE. Censo 2022: Brasil tinha 16,4 milhões de pessoas morando em favelas e comunidades urbanas. Agência IBGE de Notícias, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41797-censo-2022-brasil-tinha-16-4-milhoes-de-pessoas-morando-em-favelas-e-comunidades-urbanas>. Acesso em: 16 dez. 2024.

MAKOWIECKY, Sandra. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis (SC), v. 4, n. 57, p. 1-25, dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/download/2181/4439>. Acesso em: 05 abr. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Leptospirose. Saúde de A a Z, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/l/leptospirose>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SILVA, João Gabriel M. A segregação residencial em Rio das Pedras. Orientador: Dr. Luiz César de Queiroz Ribeiro. 2006. 129 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Ambientes e territórios: uma introdução à ecologia política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.